

OPINIÃO

Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

09-11-2021

ARQUIVOS IMPLACÁVEIS

Muza Clara Chaves Velasques

[Professora de história e pesquisadora da ENSP/Fiocruz]

No mês de estreia do caderno literário “Letras e Artes” do jornal *A Manhã* em maio de 1946, mais uma novidade: em suas páginas centrais a seção *Arquivos Implacáveis*, de João Condé (1912-1996). O jornalista pernambucano reunia ali comentários e informações sobre os mais diversos escritores brasileiros, publicando desde perfis e detalhes biográficos, curiosidades e entrevistas bem humoradas, até trechos de manuscritos e poemas inéditos de autores jovens ou consagrados. A abordagem singular transformava os escritores em personagens e alimentava a curiosidade dos leitores em relação às formas de produção da obra e à vida privada dos literatos.

O material que João Condé publicava era fruto de uma prática

bastante interessante e original de lidar com as pessoas e coisas literárias. Ele era um misto de secretário, arquivista e memorialista que colecionava e organizava em sua própria casa os originais dos documentos que conseguia junto aos escritores. A estratégia de Condé para obter originais, era oferecer-se para datilografar os manuscritos dos escritores. Atender aos apelos do jornalista poderia ser tanto uma forma de agradar a um amigo, quanto de livrar-se de uma parte desgastante do trabalho de preparação de um livro, mas era, com certeza, uma garantia de publicidade. E ele sabia valorizar seu papel, principalmente quando trabalhava em uma obra de porte, como no caso de *Fogo morto* de José Lins do Rego, em que sua participação incluía assumir funções de revisor e editor.

A atuação de Condé preservava os originais de grandes autores e também a relação dos literatos com sua criação: “(...)

José Lins cisma de me telefonar quase de madrugada para me ler trechos de um novo capítulo que acaba de fazer. (...) O mais curioso é que a impressão que se tem ao escutar o romancista falar do seu livro é de um leitor estranho que estivesse lendo o romance pela primeira vez, sem nem ao menos conhecer o autor.” Os *Arquivos Implacáveis* eram divididos em diferentes seções. A seção “Diário” relatava as impressões de Condé sobre seus encontros com diferentes escritores, no esforço para conseguir o vasto material utilizado na construção da coluna. Na seção “Confissões” Condé revelava “confidências” dos autores sobre a construção de seus livros, o porquê de tê-los escrito, se eram encomendados ou não, qual a intenção, etc. Encontramos ali Guimarães Rosa (1908-1967) falando de *Sagarana* ou Érico Veríssimo (1905-1975) revelando a trajetória de *Caminhos Cruzados*. A grande marca era o humor com que o articulista registrava suas impressões. Uma graça que se prolongava em seções como “Galeria política”, “Álbum de família” e “Correspondência”. Em “Álbum de família” havia preciosidades como a foto de Oswald de Andrade (1890-1954), com a legenda: “aos onze meses de idade, quando só tinha sonhos inocentes e não sonhava ainda com a antropofagia e o Pau Brasil”. Em “Poetas vistos por poetas”, Condé tenta tornar públicas as relações de amizade ou admiração mútua entre os escritores. Uma divertida crítica a esta proposta é feita por Carlos Drummond de Andrade, ao comentar a troca de gentilezas entre ele e o poeta Augusto Frederico Schmidt (1906-1965): “(...)

Qual teria sido a intenção de João Condé: fazer-nos correr, a Schmidt e a mim, um páreo de gentilezas? Exigir de nós um julgamento crítico recíproco? Divertir-se, comprometer-nos? Chatear-nos? Quem sabe? Na dúvida, limito-me a confessar o meu acabrunhamento (...).”

Não era sempre que Condé agradava. Segundo ele mesmo, às vezes provocava certo retraiamento dos autores mais conhecidos.

A partir de 1948, uma nova seção surgiu nos *Arquivos*, com o nome *Flasch*. Publicava-se ali um “autorretrato” de personalidades, em geral literárias. O questionário que gerava os perfis trazia questões sobre data de nascimento, altura, peso, estado civil, colarinho, gostos, leitura, bebidas, referências literárias e impressões sobre as letras e artes no país. O *Flasch* de Graciliano Ramos (1982-1953), publicado em 01/08/48, quando o autor contava com 56 anos de idade, revelava: “(...)

Não gosta dos vizinhos. / Detesta rádio telefone e campainha (...) / Sua leitura predileta: A Bíblia (...) / É ateu / (...) Odeia a burguesia / (...) Gosta de palavrões escritos e falados / (...) Apesar de o acharem pessimista, discorda disto. / Só tem cinco ternos de roupa, estragados. / Refaz seus romances várias vezes. Esteve preso duas vezes (...) É lhe indiferente estar preso ou solto. / (...) Seus maiores amigos: Capitão Lobo (um oficial conhecido na prisão em Pernambuco), Cubano (vagabundo encontrado na colônia correccional), José Lins do Rego e José Olympio. / Tem poucas dívidas. / Quando prefeito de uma cidade do interior soltava os presos para construir estradas; / Espera morrer aos 57 anos.” Já Oswald de Andrade, dizia-se: “(...)

antropólogo (...) péssimo correspondente epistolar (...) Pessoalmente é pessimista (...) Não tem amigos (...) Várias vezes foi homem rico, outras, homem pobre (...) Espera viver até os 83 anos para desgosto de muita gente.”

O trabalho de João Condé nos *Arquivos Implacáveis*, segundo ele mesmo, deu-lhe uma notoriedade ora agradável, ora incômoda. Acabou criando uma personagem, na verdade um “duplo”: o “homem dos arquivos”. Sua sanha curiosa à cata dos mais diversos vestígios da produção intelectual podia inclusive espantar algumas de suas fontes potenciais. Dizia ele que “o homem dos arquivos já é pois uma personagem desligada do autor. E que por cometer algumas indiscrições, acabava por afugentar...” Para o papel que exercia, de “guardião da memória literária nacional” não poupava esforços.

Foi o caso de sua “Missão em São Paulo”, quando se envolveu em resgatar os arquivos de Monteiro Lobato (1882-1948), então sob a guarda do crítico e biógrafo Edgard Cavalheiro (1911-1958), que recebeu-o com alguma desconfiança. Após conhecer os documentos, Condé confessou-se arrependido de ter deixado todo aquele material escapar-lhe por entre os dedos. Lamenta o escrúpulo e a honestidade que o impediram de roubar ao menos uma das cartas de Lobato. Sem sucesso, concluiu ameaçadoramente que, um dia, o seu outro eu “sem remorsos e preconceitos, se vingaria do fracasso do Condé honesto”, deixando agir um Condé implacável.

As tentações, afinal, eram muitas. Sua fama já era grande.

Mas o próprio Condé traduz de forma bastante clara o seu papel e entendimento do clima intelectual da época: “(...)

para o futuro tudo isso constituirá um acervo poderoso para um melhor conhecimento dos homens de letras do meu país. Sou um cidadão à margem da literatura, mas luto, aborreço, sofro, sonho, e amo verdadeiramente as coisas dos espíritos, procurando contribuir para que as gerações vindouras, através de documentos, confissões, depoimentos, exigências, tenham um conhecimento mais seguro do clima em que viviam os homens de letras desse nosso tempo.” Os *Arquivos Implacáveis* saíram no *Letras e Artes* até 1948. Sobre o colunista e seu trabalho Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) disse: “Se um dia rasgasse os meus versos por desencanto ou nojo da poesia, não estaria certo de sua extinção: restariam os *Arquivos Implacáveis* de João Condé”. Sem dúvida, os *Arquivos Implacáveis*, que continuaram pela década de 1950 adentro na revista *O Cruzeiro*, foram um esforço consciente de fabricação de uma certa memória literária do país. ■ ■ ■

Fontes:

■ <https://web.archive.org/web/20160806134318/http://revistadehistoria.com.br/secao/leituras/arquivos-implacaveis>

■ <https://www.historia.uff.br/stricto/td/6.pdf>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.